

Área: Contabilidade | **Tema:** Temas Emergentes em Contabilidade

**A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO, FORMAÇÃO E CONHECIMENTO SOBRE AS APLICAÇÕES
FINANCEIRAS NAS ESCOLHAS DE ATIVOS PARA INVESTIMENTOS PESSOAIS**

**THE RELATIONSHIP BETWEEN GENDER, EDUCATION AND KNOWLEDGE ABOUT PERSONAL
FINANCIAL APPLICATIONS**

Clayton Vieira De Andrade, Anderson Antônio Mattos Martins, Emilene Murer e Frederico Santos

RESUMO

Este estudo buscou identificar a inferência do gênero, formação, conhecimento sobre as aplicações financeiras e propensão de risco nas escolhas de ativos para investimentos pessoais de universitários. Na pesquisa foram consideradas as aplicações mais populares que pessoas físicas procuram em instituições financeiras e investimento mais desejados pelos brasileiros como a casa própria ou abrir a própria empresa. Para tal, foi aplicado um questionário estruturado para 269 estudantes regularmente matriculados em cursos universitários brasileiros. A pesquisa assumiu natureza descritiva e quantitativa. Os resultados permitem inferir que: (1) grande parte dos universitários respondentes tem até 25 anos de idade, são brancos e solteiros, e autodeclaradas mulheres; (2) há pouco conhecimento sobre as modalidades de investimento pessoal e sobre o risco envolvido em cada uma das modalidades de investimento por parte da amostra; (3) grande maioria teve como escolha aplicar seus recursos para a compra da casa, apartamento ou terreno próprio, seguido do investimento para a abertura da própria empresa; e (4) de modo geral os universitários possuem preferências diversificadas, sendo que grande parte não está disposta a correr riscos tendo em vista a opção por aplicar em ativos que não envolvem grandes oscilações ou exposições.

Palavras-Chave: Risco

ABSTRACT

This study aimed to identify gender inference, training, knowledge about financial applications and risk propensity in the asset choices for personal investments of university students. In the research were considered the most popular applications that individuals seek in financial institutions and investment most desired by Brazilians such as homeowners or open their own company. Thus, as secondary objectives, were listed: identify the socioeconomic profile of the sample; Identify the degree of knowledge about financial investments; Identify the personal investment asset choices of the sample; And to verify the inference of characteristics of the profile of the sample and propensity to risk and the behavior of the choice of assets for personal investments. For that, a structured questionnaire was applied to 269 students regularly enrolled in Brazilian university courses. The research assumed a descriptive and quantitative nature. The results allow us to infer that: (1) most respondents are 25 years old and are white and single, and self-declared women; (2) there is little knowledge of the modalities of personal investment and of the risk involved in each of the modes of investment by the sample; (3) a large majority had the option to apply their resources to the purchase of the house, apartment or own land, followed by the investment for the opening of the company itself; And (4) in general, university students have diverse preferences, and most are not willing to take risks in view of the option to invest in assets that do not involve large swings or exposures.

Keywords: Finanças comportamentais

A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO, FORMAÇÃO E CONHECIMENTO SOBRE AS APLICAÇÕES FINANCEIRAS NAS ESCOLHAS DE ATIVOS PARA INVESTIMENTOS PESSOAIS

1 INTRODUÇÃO

Comportamentos econômicos e financeiros, como por exemplo gastos, compras, poupança, endividamento e investimentos constituem alguns dos comportamentos sociais do indivíduo (VIEIRA; KILIMNIK; SANTOS NETO, 2016). Historicamente, esses fenômenos foram avaliados pelo paradigma da racionalidade e numa ótica predominantemente econômica, focada em variáveis do mercado, como renda, inflação, oferta e procura (DENEGRÍ, 2003). Mesmo aqueles estudos que buscam relacionar o comportamento econômico com variáveis demográficas tendem, em sua maioria, a ser pontuais e lineares, estabelecendo relações de causa e efeito, sem considerar a natureza sistêmica e psicológica do fenômeno – isto é, sob o viés comportamental (VIEIRA; KILIMNIK; SANTOS NETO, 2016).

Nos últimos anos, o pensamento neoclássico foi contraposto, especialmente quando a literatura começou a verificar que os aspectos sociais, políticos e, principalmente, psicológicos passaram a influenciar o processo decisório impossibilitando o alcance da escolha puramente racional (PRAZERES et al., 2015). Neste contexto, emerge a perspectiva das Finanças Comportamentais, haja vista que o indivíduo pode ser influenciado por aspectos psicológicos denominados vieses cognitivos, que podem distorcer a identificação e a percepção dos fatos, fazendo com que estes façam escolhas que satisfaçam suas necessidades ao invés de escolhas puramente racionais (KIMURA; BASSO; KRAUTER, 2006). Cabe observar que o comportamento dos indivíduos em suas escolhas de investimentos pessoais, pode refletir um comportamento não racional, sendo essa a questão que embasa este artigo.

As aplicações financeiras podem variar em seus estilos, sendo que a principal diferença entre as múltiplas possibilidades é o risco envolvido no retorno. Fortuna (2013, p. 137) explica que cada investidor tem sua tolerância a riscos. “Há investidores arrojados que suportam altos riscos em busca de maior retorno e há também os conservadores que desejam o mínimo de risco, ainda que isso implique retornos menores”. Para o autor, entre esses dois opostos estão os mais diversos perfis de investidores. Contudo, cada investimento apresenta sua combinação de risco e retorno. Existe uma tendência de elevação dos retornos à medida que aumentam os riscos.

De acordo com a teoria das Finanças Comportamentais, essas aplicações vão depender do grau de risco que cada pessoa está disposta a correr, do tempo que cada pessoa está disposta a aplicar suas economias sem resgatá-la, por qual índice cada pessoa gostaria que o seu dinheiro fosse corrigido, bem como, pela necessidade momentânea do indivíduo. A teoria do comportamento do consumidor, levanta outras variáveis capazes de interferir nas decisões dos indivíduos, como os fatores culturais, sociais, pessoais e psicológicos (COBRA, 1992).

Especialmente no que tange as variáveis pessoais, as quais temos a inferência das variáveis socioeconômicas, bem como da idade, gênero, escolaridade (KOTLER; ARMSTRONG, 2000), há um interesse na compreensão de como estas variáveis são capazes de explicar a escolha dos investimentos pessoais. Este estudo encontra-se pautado na análise de um grupo bastante específico, que são estudantes universitários.

A importância deste estudo recai sobre a contribuição teórico-prática de como as decisões de investimentos são influenciados pela propensão ao risco, conhecimento sobre investimentos pessoais e das variáveis gênero, idade e formação do investidor podem explicar a escolha dos investimentos pessoais (AGUIAR et al., 2016). Nesta perspectiva, aliada aos

achados de Barros (2013) – encontra-se a última motivação para esta pesquisa. Barros (2013) recomenda o estudo dos investimentos financeiros em estudantes de cursos além dos de gestão, bem como, expandir esta análise para todas as regiões do Brasil. Para o autor, cabe ainda dividir a análise de indivíduos de acordo com a renda familiar, visando identificar possíveis divergências entre os diferentes tipos de universos amostrais.

Além disso, verifica-se que há poucos estudos retratando a visão dos alunos de nível superior em relação a investimentos financeiros (DOMINGOS *apud* GONZALEZ JUNIOR; SOUZA; SANTOS, 2015). Assim, este estudo se destina a identificar a inferência do gênero, formação, conhecimento sobre as aplicações financeiras e propensão ao risco nas escolhas de ativos para investimentos pessoais de universitários.

2 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

O campo de estudo das finanças comportamentais, considerado um campo novo, ganhou força e sustentabilidade com os trabalhos realizados pelo economista Richard Thaler, o qual se opôs na vanguarda de um grupo de economistas acadêmicos reagindo a falhas do modelo racional de decisão do consumidor, inaugurando o novo campo de estudos das finanças comportamentais (BERNSTEIN, 1997).

Thaler (1999) explica que se torna possível enriquecer o entendimento do funcionamento do mercado financeiro adicionando a compreensão do elemento humano. Seguindo a mesma linha de raciocínio do referido autor, no mercado existem duas classes distintas de investidores: os totalmente racionais e os quase-rationais. Os quase-rationais, por exemplo, tentam tomar boas decisões de investimento, mas cometem de maneira comum erros previsíveis. A maior parte destes erros, segundo o autor, resulta de falhas no processo racional devido a interferências de motivações intrínsecas dos seres humanos. Descobrir, estudar e demonstrar aos investidores quando estes motivos os podem prejudicar é o principal objetivo das finanças comportamentais.

Lintner (1998 *apud* MARCON et al., 2017, p. 2), por exemplo, define “finanças comportamentais como os estudos por meio dos quais os investidores interpretam e agem frente às informações para decidir sobre investimentos”. Thaler (1999) define finanças comportamentais como simples finanças de cabeça aberta, salientando que algumas vezes para achar a solução de um problema financeiro empírico é necessário aceitar a possibilidade que alguns dos agentes na economia se comportem, em alguns momentos, de forma não completamente racional.

De acordo com Lampenius e Zickar (2005, p. 131), em geral, o foco recai sobre características como gênero, idade, estado civil, profissão, renda, escolaridade e conhecimento sobre finanças. Grable (2000, p. 627) afirma que boa parte do sucesso em investimentos financeiros parece ser explicada pela combinação de indicadores socioeconômicos e por características da personalidade dos indivíduos.

Talvez em breve falar de finanças comportamentais possa parecer redundância, já que as finanças devem incorporar em seus modelos os avanços na compreensão da forma como os investidores realmente tomam decisões. Talvez as finanças comportamentais, ao forçar os teóricos das Finanças Modernas a reverem os pressupostos da racionalidade e eficiência dos mercados, possam favorecer uma integração com as Finanças Tradicionais e, assim, caminhar no sentido de uma teoria unificada em finanças (THALER, 1999).

2.1 OS INVESTIMENTOS FINANCEIROS

Os investimentos financeiros podem ser divididos basicamente em dois grandes grupos. O primeiro refere-se a investimentos de renda fixa. O segundo grupo refere-se aos investimentos de renda variável.

Os investimentos de renda fixa são as aplicações indicadas para deseja correr menores riscos. O investidor é quem pode escolher o valor que vai aplicar e em quanto tempo irá resgatar o dinheiro. Assim, é possível prospectar antecipadamente seu lucro no momento de assinatura do contrato, antes mesmo de aplicar o montante (R7 NOTÍCIAS, 2011, web).

O segmento de renda fixa é definido pelo fluxo de renda em períodos definidos, com a oportunidade de o aplicador saber antecipadamente o montante de recursos financeiros que serão gerados pela aplicação (BODIE *et al.*, 2000). Valores aplicados em títulos de renda fixa funcionam como um empréstimo. Podendo ser emprestado ao Banco, por meio de CDBs, Letras Hipotecárias e Letras Cambiais; empresas privadas ou públicas na forma de Debêntures e Notas Promissórias - sendo possível realizar estes empréstimos até mesmo para o Governo por meio de Letras e Notas do Tesouro Nacional.

Diferente do que ocorre com a renda fixa que o prazo do investimento e seus devidos juros são pré-definidos no momento da contração da aplicação. Na renda variável, o mercado torna-se volátil, ou seja, o dinheiro aplicado sofre oscilações tanto para cima quanto para baixo constantemente ao longo do dia, a rentabilidade passada não garante uma rentabilidade futura, existem aspectos relativos à sorte ou a risco que jamais devem ser desprezados (BRUNI, 2010).

No segmento do mercado de renda variável não há garantia do rendimento futuro das aplicações realizados. São segmentos e mercados definidos pelo maior nível de risco e na oportunidade de maiores ganhos, se comparados aos da renda fixa ou, inclusive, perdas totais dos montantes de recursos financeiros aplicados - principalmente na bolsa de valores, onde as movimentações, especulações e oscilações de desempenho das empresas podem influenciar os investimentos realizados. (BODIE *et al.*, 2000; LUQUET, 2000).

“Cada investidor tem sua tolerância a riscos” (FORTUNA, 2013, p. 137). Para o mesmo autor, há investidores arrojados que suportam altos riscos em busca de maior retorno, da mesma forma em que há os conservadores, ou seja, aqueles que desejam o mínimo de risco, ainda que isso implique retornos menores. Entre esses dois opostos estão os mais diversos perfis de investidores. Mesmo assim, cada investimento apresenta sua combinação de risco e retorno. Existe uma tendência de elevação dos retornos à medida que aumentam os riscos.

Assim, a relação entre risco e retorno é simples: ambos andam de mãos dadas. “Essa relação costuma ser direta. Quanto maior o retorno, isto é, a recompensa oferecida pela aplicação, maior seu risco” (HALFELD, 2007, p. 63). O Quadro 1, consolida uma comparação entre os tipos de aplicações mais comuns.

Quadro 1: Tipos de investimentos e respectivas vantagens e desvantagens

Investimento	Vantagens	Desvantagens
Caderneta de Poupança	- Liquidez imediata; - Baixo risco; - Isenção de imposto de renda para pessoa física.	- Inflação pode ser maior do que a taxa de retorno do investimento.
CDBs	- Baixo risco; - Possibilidade de negociar taxas de remuneração.	- Incidência do imposto de renda em função do prazo.
Títulos Públicos	- Melhor rentabilidade entre os investimentos de baixo risco.	- Tributação de imposto de renda e IOF; - Taxas de negociação.
Ações	- Rentabilidade maior; - Não existe valor mínimo para investir.	- Maiores riscos e perdas; - Taxas e custos de operação; - Incidência de imposto de renda.
Fundos	- Expectativa de rentabilidade elevada; - Não requer tanto estudo e acompanhamento do mercado.	- Falta de autonomia; - Incidência de taxas e imposto de renda; - Alto risco.
Imóveis	- Baixa desvalorização; - Contratos de locação ao longo prazo.	- Grande quantidade de dinheiro para comprar um imóvel; - Elevados custos; - Geralmente de baixa liquidez; - Maus inquilinos.
Previdência Privada	- Possível resgatar o investimento antes do prazo final; - Possível migrar o plano para outra empresa; - Investimento garantido pela Susep.	- Taxa de administração; - Imposto de renda.

Fonte: Adaptado de Portal Brasil (2010).

Por fim, Halfeld (2007) explica que uma das maiores desvantagens é a falta de comprometimento ao estudo de aplicações por parte do investidor. Este autor acredita que pessoas podem ter rendimentos baixos e entrar em mercados onde não possuem a competência devida à falta de preocupação em capacitar-se para melhorar a estratégia de aplicação pessoal.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se caracteriza por uma pesquisa quantitativa, as escolhas de investimentos pessoais de estudantes universitários. Segundo Roesch, (1999, p.130) a pesquisa quantitativa é adequada quando o objetivo da pesquisa implica medir relações entre variáveis (associação ou causa-efeito).

Na operacionalização da pesquisa, seguiu-se as etapas do método survey, por meio de levantamento de corte transversal (*cross-sectional*). Optou-se por uma pesquisa que utilize o método *survey*, em que se objetiva compreender por meio de uma amostra, o comportamento de uma população (BEUREN, 2006).

O universo da pesquisa se refere a “quais os sujeitos que serão investigados, qual seu objeto” (ANDRADE, 2006, p. 140). Neste estudo, delimitou-se como universo todos os estudantes regularmente matriculados em cursos universitários no Brasil. Este grupo de análise foi escolhido, em primeiro lugar, pelo critério de acessibilidade, ou seja, é um grupo de fácil acesso para pesquisas. Em segundo lugar, foi o critério da pertinência, haja vista que se compreende que estudantes universitários tenham mais conhecimento sobre as diferentes escolhas de investimentos pessoais.

Para esta pesquisa foi aplicada por meio de questionário eletrônico, utilizando a ferramenta de formulários online *Google Drive*. O instrumento de pesquisa, questionário fechado, foi elaborado a partir da pesquisa de Aguiar et al. (2016), e foi estruturado nos seguintes construtos de análise:

- **Escolha do tipo de investimento:** Nesta seção os respondentes são incentivados por meio de uma situação, onde a partir desta situação devem responder sobre suas preferências de escolha de investimentos. Esta etapa encontra-se organizada em 28 questões de múltipla escolha.
- **Nível de conhecimento sobre investimento:** Nesta etapa os respondentes foram dispostos a oito questões afirmativas sobre comportamentos que representam a escolha de ativos para investimentos e qual o grau de conhecimento sobre o assunto. Assim, as questões foram mensuradas por meio de uma escala do tipo Likert que variava de 1 – Pouco conhecimento à 5 – Muito conhecimento).
- **Conhecimento sobre riscos dos investimentos pessoais:** Nesta etapa os respondentes foram dispostos a oito questões afirmativas sobre comportamentos que representam a sua opinião sobre o grau de risco envolvido em determinada aplicação financeira. Assim, as questões foram mensuradas por meio de uma escala do tipo Likert que variava de 1 – Pouco risco à 5 – Muito risco).
- **Caracterização dos respondentes:** contendo questões relativas ao perfil: gênero (questão fechada com três alternativas), idade (questão fechada com 5 alternativas), Estado (questão fechada com vinte e sete opções) e formação (questão fechada com cinco alternativas); estado civil (questão fechada com quatro alternativas); faixa de renda do grupo familiar (questão fechada com oito alternativas), também o questionário possui duas perguntas iniciais que representam a escolha de um tipo de investimento (questão fechada com oito alternativas).

Para análise dos dados utilizou-se a ferramenta de análise do Google Drive, e o programa SPSS *Statistics 21*, a fim de facilitar e agilizar o processamento das informações a fim de encontrar os resultados. Para tratar os dados foram seguidos os seguintes processos:

- Preparação da matriz de entrada de dados – onde procedeu-se a identificação e tratamento de *missing values*, *outliers* e verificou-se a normalidade dos dados.
- Análise descritiva do perfil da amostra – por meio da distribuição de frequência por nível de intensidade das escalas.
- Análise univariada dos construtos – onde há a apresentação das medidas de média, desvio padrão, valores mínimo e máximo e distribuição por nível da intensidade das escalas.

Na coleta de dados a campo, a escolha da amostra não se submeteu ao método estatístico, e a forma da escolha dos respondentes foi aleatória simples, por conveniência. Esta forma de levantamento caracteriza-se por sua natureza não-probabilística, haja vista que a probabilidade de inclusão de cada indivíduo na população não é conhecida e nem equivalente. Assim, na aplicação da pesquisa, obteve-se um total de 333 respondentes. Contudo, na limpeza da matriz de entrada de dados, foram encontrados questionários com problemas de compreensão, e, *outliers* – sendo excluídos um total de 64 questionários. Dessa forma, a análise de dados foi feita em cima de 269 questionários válidos, sendo estes considerados a amostra final do estudo.

Tabela 1 – Resumo das características da amostra

Idade	Até 25 anos	62,8%
	Entre 26 e 37 anos	30,9%
	Entre 38 e 51 anos	5,6%
	Entre 51 e 68 anos	0,7%
Estado	Distrito Federal	0,4%
	Goiás	0,4%
	Paraná	2,2%
	Rio Grande do Sul	3,7%
	Santa Catarina	92,5%
	São Paulo	0,4%
	Sergipe	0,4%
Gênero	Feminino	53,9%
	Masculino	45,4%
	Prefere não responder	0,7%
Raça / Cor	Amarela	1,1%
	Branca	80,7%
	Indígena	0,4%
	Não deseja declarar	1,1%
	Parda	14,1%
	Preta	2,6%
Estado civil	Casado/união estável	33,1%
	Solteiro	64,7%
	Divorciado/separado	1,9%
	Viúvo	0,4%
Renda Familiar	Até 2 salários mínimo (até R\$ 1.576,00)	20,4%
	De 2 a 4 salários mínimos (máximo R\$ 3.152,00)	29,7%
	De 4 a 6 salários mínimos (máximo R\$ 4.728,00)	22,7%
	De 6 a 8 salários mínimos (máximo R\$ 6.304,00)	9,3%
	De 8 a 10 salários mínimos (máximo R\$ 7.880,00)	6,7%
	De 10 a 15 salários mínimos (máximo R\$ 14.055,00)	3,7%
	Mais de 15 salários mínimos (mínimo R\$ 14.055,01)	0,7%
Prefere não responder	6,7%	

Fonte: Dados da pesquisa

Foi solicitado aos respondentes descrevessem suas perspectivas para economia, aposentadoria e seu horizonte de planejamento financeiro pessoal. Pode-se verificar que grande parte dos respondentes 33,3% declararam que seu horizonte de planejamento é de 05 à 10 anos, 32,2% mencionaram que o seu planejamento é para o próximo ano, 27,1% declararam que possuem um planejamento financeiro pessoal para os próximos meses e a menor parte dos respondentes 7,3% mencionaram que possuem um planejamento financeiro para mais de 10 anos.

Sobre a expectativa dos respondentes para a economia Brasileira para os próximos 5 anos a maioria (46,9%) acredita na manutenção do cenário atual, um percentual considerável dos universitários declarou possuir expectativa de melhora para a economia Brasileira nos próximos anos e apenas 11% responderam acreditar na piora da economia nacional para os próximos 5 anos.

Sobre as reservas financeiras dos respondentes para casos de necessidade ou emergência (problemas de saúde, acidente...) 44% declarou possuir reserva financeira sempre

que possível, 35,5% responderam sempre possuir reservas para emergências e 20,5% declararam que não costumam ter reservas para possíveis emergências.

4 RESULTADOS

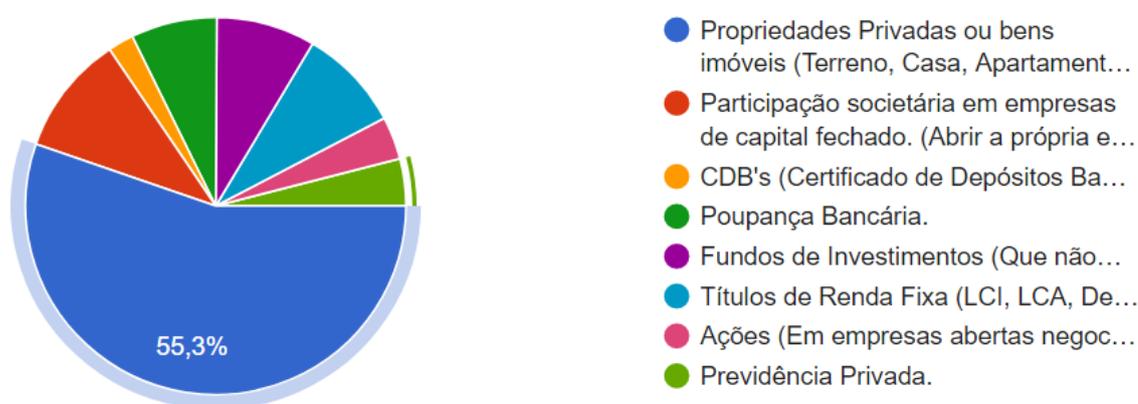
4.1 PREFERÊNCIAS NA ESCOLHA DE ATIVOS DE INVESTIMENTOS PESSOAIS

Nesta seção, para instigar o espírito investidor dos respondentes, foi apresentada uma situação fictícia de investimento, conforme apresentado a seguir:

Para responder este questionário, queremos que você imagine que possui R\$ 100.000,00 (cem mil reais) disponíveis no banco. Imagine ainda que você não tem nenhuma dívida ou compromisso a ser honrado. Assim, você possui este dinheiro disponível para um investimento.

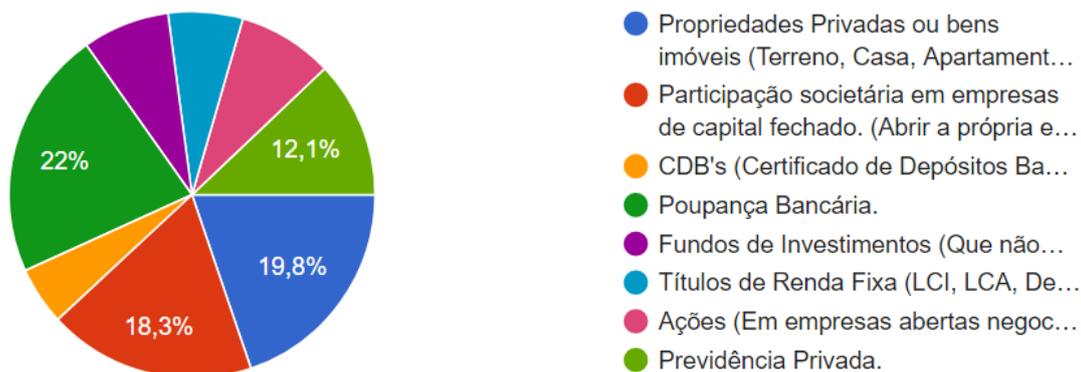
A partir desta situação, foi solicitado que os respondentes elencassem a primeira e a segunda opção de investimento pessoal que desejavam fazer com os R\$ 100.000,00 (resultados no Gráfico 1 e 2). 55,3% dos universitários participantes da pesquisa declararam possuir preferência para aplicar seus recursos em Propriedades Privadas ou Bens e Imóveis (Terreno, Casa, Apartamento).

Gráfico 1 – Primeira opção de investimento pessoal com R\$ 100.000,00



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 2 – Segunda opção de investimento pessoal com R\$ 100.000,00



Fonte: dados da pesquisa

A segunda opção para investimento, para 22% dos respondentes é a Poupança Bancária, um número que chama a atenção neste gráfico é que 18,3% dos universitários demonstram possuir interesse em aplicar em Participações Societárias em Empresas de Capital Fechado (abrir a própria empresa).

4.2 GRAU DE CONHECIMENTO SOBRE APLICAÇÕES FINANCEIRAS PESSOAIS E OS RISCOS DAS MODALIDADES

A segunda etapa da pesquisa, buscou verificar o grau de conhecimento dos respondentes em relação aos investimentos.

Os resultados, conforme Tabela 2, mostram que os respondentes em média declararam que possuem um conhecimento baixo sobre aplicações em Propriedades Privadas ou Bens e Imóveis (Terreno, Casa, Apartamento...), sobre participação societária em empresas de capital fechado; Investimentos em CDB's (Certificado de Depósitos Bancários), bem como sobre investimentos em Títulos de renda Fixa (LCI, LCA, debêntures e notas promissórias), ações de Empresas de Capital Aberto. De modo geral, na amostra de universitários estudados, verifica-se pouco conhecimento sobre as modalidades de investimento pessoal. Somente a opção de poupança bancária auferiu uma média superior a neutralidade (3,39), mesmo assim, pode-se afirmar que a amostra não detém conhecimento sobre investimentos pessoais.

Tabela 2 – Grau de conhecimento sobre aplicações financeiras

	Média	DP	Mín.	Máx.
Conhecimento sobre investimentos em Propriedades Privadas ou Bens Imóveis (Terreno, Casa, Apartamento...)	2,95	0,927	1	5
Conhecimento sobre investimentos em participação societária em empresas de capital fechado	2,26	1,054	1	5
Conhecimento sobre investimentos em CDB's (Certificados de Depósitos Bancários)	2,13	1,140	1	5
Conhecimento sobre investimentos em poupança bancária	3,39	1,119	1	5
Conhecimento sobre investimentos títulos de renda fixa (LCI, LCA, Debêntures e Notas Promissórias)	2,26	1,237	1	5
Conhecimento sobre investimentos em fundos de investimentos (não incluídos nas categorias anteriores)	2,26	1,174	1	5
Conhecimento sobre investimentos em ações de empresas de capital aberto (negociadas na bolsa de valores)	2,21	1,101	1	5
Conhecimento sobre investimentos em previdência privada	2,70	1,182	1	5

Fonte: elaborado pelo autor (2017)

Nota: DP - desvio padrão; Min. – Mínimo; Max. - Máximo

No que tange o conhecimento da amostra sobre o grau de risco das modalidades de investimentos pessoais, a Tabela 3 sistematiza os resultados.

Tabela 3 – Grau de conhecimento sobre os riscos das modalidades de investimentos pessoais

	Média	DP.	Mín.	Máx.
Propriedades Privadas ou Bens Imóveis (Terreno, Casa, Apartamento...)	2,17	1,004	1	5
Participação societária em empresas de capital fechado	3,19	0,918	1	5
CDB's (Certificados de Depósitos Bancários)	2,66	0,943	1	5
Poupança bancária	1,95	0,953	1	5
Títulos de renda fixa (LCI, LCA, Debêntures e Notas Promissórias)	2,54	0,986	1	5
Fundos de investimentos (não incluídos nas categorias anteriores)	1,95	0,966	1	5
Ações de empresas de capital aberto (negociadas na bolsa de valores)	3,61	1,168	1	5
Investimentos em previdência privada	2,34	1,012	1	5

Fonte: elaborado pelo autor (2017)

Nota: DP - desvio padrão; Mín. – Mínimo; Max. - Máximo

O que é possível observar, de modo geral, é que a amostra de respondentes não detém conhecimento sobre o risco envolvido nas diferentes modalidades de investimentos pessoais. As opções que obtiveram um grau de conhecimento médio foi a participação societária em empresas de capital fechado (média 3,19) e ações de empresas de capital aberto (negociadas na bolsa de valores) (média 3,61).

4.3 A INFERÊNCIA DOS GRUPOS SOCIOECONÔMICOS NA ESCOLHA DE ATIVOS PARA INVESTIMENTOS PESSOAIS

Nesta etapa do estudo será apresentada uma análise que levará em consideração características dos respondentes, a fim de, apontar possíveis similaridades entre grupos de pessoas que as levam a tomar as mesmas decisões de escolhas de investimentos (Vide Tabela 4).

Em análise a Tabela 4 cabe observar que, pessoas que escolheram aplicar em Ações (Em empresas abertas negociadas em bolsa de valores) a amostra foi de 10 respondentes, destes 40% são do Gênero Feminino e 60% do Gênero Masculino. Em relação ao Curso 50% são acadêmicos de Administração e 20% são acadêmicos do curso de Ciências Contábeis, a renda de 40% dos acadêmicos que escolheram aplicar em ações está entre R\$ 1.874,01 até R\$ 3.748,00. A propensão a risco é de 30% estão dispostos a correr riscos acima da média e 50% dispostos a correr riscos dentro da média.

Se analisarmos os acadêmicos que decidiram aplicar em CDB's (Certificado de Depósitos Bancários) a amostra foi de seis respondentes, houve uma Divisão equitativa entre gêneros, 66,7% estão cursando a faculdade de Administração. Em 50% dos respondentes a renda média está entre R\$ 3.748,01 e R\$ 5.622,00, observando o risco 83,3% está disposto a correr riscos dentro da média e os demais não estão dispostos à riscos.

Tabela 4 – Inferência de características socioeconômicas na escolha de investimentos

Tipo de investimento	Amostra (n)	Gênero	Curso	Renda	Propensão ao risco	Grau de Conhecimento
Ações em empresas negociadas em bolsa de valores	10	Feminino (40%) e masculino (60%)	Administração (50%) e Ciências Contábeis (20%)	40% recebem de R\$ 1.874,01 até R\$ 3.748,00	30% dispostos a correr riscos acima da média 50% dispostos a correr riscos dentro da média	Média 3,60
CDB's (Certificado de Depósitos Bancários).	06	Divisão equitativa entre gêneros	66,7% do Curso de Administração	50% recebem de R\$ 3.748,01 até R\$ 5.622,00	83,3% dispostos a correr riscos dentro da média Os demais não estão dispostos à riscos	Média 3,67
Fundos de Investimentos	23	60,9% masculino	Diversidade de cursos	Dividido entre os diversos perfis de renda	69,6% dispostos a correr riscos dentro da média 21,7% não estão dispostos a correr riscos	Média 3,34
Participação societária em empresas de capital fechado	28	64,3% masculino	Administração (35,7%) Contábeis e Edu. Física (14,3% cada)	Dividido entre os diversos perfis de renda	67,9% dispostos a correr riscos dentro da média 14,3% dispostos a correr riscos significantes	Média 2,60
Poupança Bancária	18	61,1% Feminino	Diversidade de cursos	Dividido entre os diversos perfis de renda	16,7% dispostos a correr riscos acima da média 66,7% dispostos a correr riscos dentro da média 16,7% não estão dispostos a riscos	Média 3,16
Previdência Privada	11	72,7% Masculino	90,9% Administração	Concentração a partir de R\$ 2.000 de renda	81,8% dispostos a correr riscos dentro da média. 18,2% não estão dispostos a correr riscos	Média 3,18
Propriedades privadas ou bens imóveis	155	64,5% Feminino	Diversidade de cursos	Dividido entre os diversos perfis de renda	56,8% dispostos a correr riscos dentro da média. 32,9% não estão dispostos a correr riscos	Média 2,98
Títulos de renda fixa	24	58,3% masculino	Diversidade de cursos	Dividido entre os diversos perfis de renda	12,5 dispostos a correr riscos acima da média 83,3% dispostos a correr riscos dentro da média.	Média 3,95

Fonte: Dados da pesquisa

Para a aplicação em Fundos de Investimentos a amostra foi de 23 respondentes, destes 60,9% são do gênero Masculino, nesta modalidade de aplicação há uma diversidade de cursos e está dividida entre vários perfis de renda. No quesito risco 69,6% dispostos a correr riscos dentro da média e 21,7% não estão dispostos a correr riscos.

Com a amostra de 28 respondentes os acadêmicos com perfil empreendedor que escolheram aplicar em Participação societária em empresas de capital fechado 64,3% são do gênero masculino. Os cursos que se destacaram na escolha desta modalidade de investimento foram Administração com 35,7% da amostra, Ciências Contábeis com 14,3%, Educação Física com 14,3% e Agronomia com 7,1% da amostra. Existe uma grande diversidade de renda entre a amostra que selecionaram este tipo de investimento. Em relação ao risco 67,9% dispostos a correr riscos dentro da média e 14,3% dispostos a correr riscos significantes.

Para a aplicação em Poupança Bancária a amostra é de 18 respondentes, destes 61,1% são do gênero Feminino. Existe uma grande diversidade de cursos e perfis de renda nesta modalidade de investimento. Observando o risco 66,7% dispostos a correr riscos dentro da média, 16,7% não estão dispostos a correr riscos e 16,7% dispostos a correr riscos acima da média.

Analisando a amostra de 11 acadêmicos que selecionaram aplicar em Previdência Privada 72,7% são do gênero Masculino. O curso de Administração possui 90,9% dos respondentes da amostra que aplicariam o valor em Previdência Privada. Em relação a renda a concentração de investidores em Previdência Privada é a partir de R\$ 2.000,00. Observando o risco 81,8% dispostos a correr riscos dentro da média e 18,2% não estão dispostos a correr riscos.

O investimento preferido pelos acadêmicos foi aplicar seus recursos em Propriedades privadas ou bens imóveis (Casas, Terrenos, etc.) estes sendo uma amostra de 155 respondentes, 64,5% são do gênero Feminino, existe uma grande diversidade de cursos e perfis de renda para esta modalidade de aplicação sendo que 56,8% dispostos a correr riscos dentro da média e 32,9% não estão dispostos a correr riscos.

Para os Títulos de Renda Fixa (LCI, LCA, Debêntures e Notas Promissórias) a amostra foi de 24 acadêmicos, sendo 58,3% de gênero Masculino. Esta modalidade de aplicação está dividida entre diversos cursos e perfis de renda, 83,3% dispostos a correr riscos dentro da média e 12,5% dispostos a correr riscos acima da média.

Em suma, a opção de Propriedades Privadas e Bens e Imóveis (Casa, terrenos, etc.) foi a aplicação mais selecionada pelos respondentes, sendo estes basicamente do gênero feminino (64,5%). As Participações em Empresas de Capital Fechado foi o investimento selecionado pela grande maioria do gênero masculino (64,3%). A aplicação em que os universitários respondentes se declararam com um maior conhecimento foram os Títulos de Renda Fixa (LCI, LCA, Debêntures e Notas Promissórias).

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E IMPLICAÇÕES GERENCIAIS

Os resultados desta pesquisa permitem observar que mesmo com o dinamismo e as características dos jovens universitários costumam apresentar, a pesquisa mostrou que os universitários são de grande modo investidores com o perfil conservador, ou seja, não estão dispostos a correr riscos acima da média. Além disso, grande parte da amostra demonstrou desejo de aplicar suas economias na construção ou compra da casa própria (um investimento conservador), mostrando que incentivos culturais e familiares ainda acabam por influenciar fortemente as decisões de investimento.

Infere-se que mesmo conservadores uma parte da amostra da pesquisa deseja investir em empresas de capital fechado, investimento que demanda de alta assunção de risco. Porém, esta mesma amostra, afirma não estar disposta a correr riscos e possui um índice

autodeclarado de conhecimento sobre o assunto baixo (2,60). Isso demonstra que há falta de conhecimento dos respondentes no que tange ao investimento em empresas de capital fechado, pois não está claro aos respondentes os riscos envolvidos nesta transação. Ao mesmo tempo, pode-se sugerir que os incentivos midiáticos podem ser responsáveis pela propensão dos respondentes a este investimento, já que há toda uma construção social que legitima o ‘ser dono do próprio negócio’ como a melhor opção de investimento.

Para os que pensam na aposentadoria e selecionaram investir em previdência privada, a renda média desta amostra está concentrada nos R\$ 2.000,00 sendo grande parte homens, que não estão dispostos a correr riscos. Estes respondentes, diferente dos que selecionaram abrir a própria empresa, demonstraram resposta alinhada com o perfil do investimento, pois, aplicar para longo prazo sem correr grandes riscos se enquadra perfeitamente em investir em previdência privada, sendo possível investir nesta aplicação com a renda média declarada pela amostra.

Outro resultado interessante foram os acadêmicos que responderam estar dispostos a correr riscos acima da média, porém escolheram aplicar seus recursos na poupança bancária, haja vista que a poupança é uma aplicação de perfil extremamente conservador. Novamente, parece haver uma lacuna de informação relativo ao risco envolvido na transação, ou ainda, sobre o tipo de investimento que é a poupança.

Observando os dados, é possível constatar que os acadêmicos respondentes não seguiram uma linha de respostas equilibradas com as escolhas de investimento, ou seja, um investidor conservador que deseja aplicar em um investimento de grande risco ligado a um conhecimento baixo ou médio do assunto pode tornar esta escolha uma má escolha. Investir em aplicações de alto risco demanda uma grande tolerância a oscilações e perdas, demandando grande conhecimento ou domínio por parte do aplicador. Em outras respostas, a amostra com o perfil arrojado, ou seja, dispostos a correr grandes riscos escolheram aplicar em investimentos que não trazem riscos.

Assim, é possível detectar diversas divergências entre o perfil dos respondentes e suas escolhas, sendo um possível causador deste desencontro de respostas a falta de conhecimento dos acadêmicos no assunto, ou não tenham a devida noção do que se refere risco. Esse resultado, aliado a uma informação das características da amostra, onde grande parte são acadêmicos dos cursos de Administração ou Ciências Contábeis, permite levantar uma discussão sobre a formação destes estudantes.

Basicamente, levanta-se a dúvida sobre as disciplinas de formação, haja vista que, a expertise na escolha de investimentos pessoais poderia e deveria ser trabalhada em todas as grandes áreas de ensino, haja vista ser uma disciplina de conteúdo transversal e de formação complementar dos estudantes. Especificamente, para alunos de cursos como Administração e Ciências Contábeis, é básico para o exercício da profissão o conhecimento e as informações sobre as melhores alternativas de investimentos – seja para seus próprios investimentos, seja na gestão de investimentos de terceiros. Aos demais estudantes, a verificação de que há pouco conhecimento sobre o tema, levanta a questão sobre a formação pessoal dos estudantes, que, enquanto agentes de transformação deveriam ser capazes de fazer, inicialmente, a melhor escolha de investimentos pessoais.

Assim, a primeira contribuição deste estudo se dirige as instituições de ensino superior, que devem considerar integrar, a formação básica ou complementar dos estudantes, disciplinas voltadas a escolha de investimentos pessoais (e empresariais).

A segunda contribuição da pesquisa, está voltada as práticas de mercado de instituições bancárias. Infere-se que, a falta de conhecimento geral dos estudantes, levanta uma possibilidade de atuação destas instituições, que podem desenvolver ações de conscientização sobre as opções de investimento, que retornem em forma de desenvolvimento de capital social para a sociedade, e em forma de clientes para as instituições bancárias. Cabe

ressaltar que o correto diagnóstico do perfil dos investidores, aliado a orientação de investimento adequada a cada perfil, retornará em ganhos de fidelidade dos clientes ao banco, bem como, irá retornar em forma de menos pessoas e empresas com problemas financeiros graves.

Por fim, analisando alguns dados individuais, é possível verificar que o investimento em CDBs mostrou uma média de conhecimento satisfatório (3,67), e estes respondentes são os que possuem maior renda familiar, ou seja, média de até 6 salários mínimos ou R\$ 5.622,00. A aplicação com o maior conhecimento sobre o investimento foi os Títulos de Renda Fixa (LCI, LCA, Debêntures e Notas Promissórias) (3,95), sendo a grande maioria deste grupo do gênero masculino. Infere-se que é um grupo disposto a correr riscos dentro da média ou não correr riscos.

Esta questão levanta duas possibilidades de discussão. A primeira, diz respeito a necessidade de orientação/ ensino, principalmente de pessoas que tenham menos renda (já que estes são os grupos com mais dificuldade de escolha e mostram possuir menos conhecimento sobre risco). Bancos e universidades podem desenvolver projetos de educação financeira para tentar suprir essa necessidade.

Segundo, deve-se formar as mulheres. Historicamente, mulheres não eram responsáveis pelas finanças das famílias, e isso as afastou por muito tempo do conhecimento sobre aplicações financeiras ou investimentos pessoais. Contudo, mesmo com a mudança no mercado de trabalho, as mulheres continuam as margens dos investimentos familiares, sendo que estas optam normalmente por investimentos que não envolvam riscos e típicos de formação familiar paternalista, isto é, poupança bancária ou compra de imóvel. A inserção e a formação das mulheres devem ser pensadas por todas as instituições, não somente bancárias ou de ensino, haja vista a complexidade do tema.

6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Mesmo que esta pesquisa tenha atingido os objetivos propostos, cabe levantar algumas limitações, que limitam a generalização dos resultados. Primeiramente, a limitação refere-se ao tipo de corte (*cross-section*) utilizado para a operacionalização da pesquisa, observando que as transformações nos traços situacionais e superficiais, os mais inerentes à mudança, não foram contemplados. Estudos longitudinais sobre o assunto, especialmente os comparativos entre os indivíduos no início e ao final do curso, são a primeira indicação de pesquisas futuras.

Outra limitação refere-se a amostra, sendo que grande parte dos respondentes estão concentrados em uma pequena região, e por este motivo, pode não ser representativa do comportamento médio/ geral da população de estudantes universitários brasileiros. Assim, sugere-se que novos estudos sejam conduzidos, em diferentes regiões brasileiras, utilizando-se ainda de métodos complementares para análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, E.S.; ARAÚJO, L. M.A.; CARMO, T.S.; PRAZERES, R.V.; SOEIRO, T.M. A Influência de Gênero, Idade, Formação e Experiência nas Decisões de Investimentos: Uma Análise do Efeito Confiança. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v.4, n.3, 2016.

ANBIMA. **Certificação em Produtos de Investimentos**. Disponível em: <<http://portal.anbima.com.br>> Acesso em 20 de março de 2017.

BARROS, F.S. **Investimentos Financeiros: Uma análise dos alunos investidores de uma instituição de Ensino Superior de Brasília – DF**. Trabalho de Curso (TC), Administração de Empresas, Centro Universitário de Brasília/ UniCEUB, Brasília-DF, 2013.

BERNSTEIN, P. L. **Desafio aos deuses: a fascinante história do risco**. Campus: Rio de Janeiro, 1997.

BERNSTEIN, P. L.; DAMODARAN, A. **Administração de Investimentos**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2000.

BODIE, Z.; KANE, A.; MARCUS, A. J. **Fundamentos de Investimentos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.

BRUNI, A.L. **Certificação profissional ANBID Série 10 (CPA10)**. São Paulo: Atlas, 2010.

COBRA, M. **Marketing básico: uma perspectiva brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1997.

DENEGRI, M. **Fundamentos de La psicologia econômica**. Santiago/Chile: Universidade de La Frontera, 2003.

FORTUNA, E.. **Mercado Financeiro Produtos e Serviços**. 14.ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2013.

GONZALEZ JUNIOR, I.P.; SOUZA, E.A.; SANTOS, A.C.. Investimento Financeiro: Uma análise do perfil investidor dos universitários do recôncavo da Bahia. **Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI**, v. 2, n. 2, 2015

GRABLE, J. Financial risk tolerance and additional factors that affect risk taking in everyday money matters. **Journal of Business Psychology**, v. 14, n. 4, p. 625-630, 2000.

HALFELD, M. **Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2007.

KIMURA, H.; BASSO, L. F. C.; KRAUTER, E. Paradoxos em Finanças: Teoria Moderna Versus Finanças Comportamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 41-58, 2006.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. **Introdução ao Marketing**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2000.

MARCON, R. et al. **Análise de aversão à perda em finanças comportamentais e na teoria de psicanalítica**. Disponível em:
http://www.investsul.com.br/textos_academicos/Finan%E7as%20Comportamentais%20-%20CLADEA%20-.doc> Acesso em: 14 de abril de 2017.

LAMPENIUS, N.; ZICKAR, M. J. Development and validation of a model and measure of financial risktaking. **Journal of Behavioral Finance**, v. 6, n. 3, p. 129-143, Sep., 2005.

LUQUET, M. **Guia Valor Econômico de finanças pessoais**. São Paulo: Globo, 2000.

PORTAL BRASIL. **Glossário de investimentos**. Disponível em:
<<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/08/glossario-de-investimentos>>. Acesso em: março de 2019.

PRAZERES; R. V.; SANTOS; J. A.; ARAÚJO; J. G.; ARAÚJO; J. G. N.; LAGIOIA; U. C. T. Produzir ou Terceirizar: Um estudo de caso sobre a utilização da técnica de análise diferencial sob o enfoque da escolha racional. **Revista Ambiente Contábil**, v.7, n. 2, pp. 16-31, 2015.

ROESCH, S.M. A. **Projetos de estágio do curso de administração**. São Paulo: Atlas, 1999.

THALER, R. H. The end of behavioral finance. **Association for Investment Management and Research**, November/December, 1999.

VIEIRA, E.G.F.; KILIMNIK, Z.M.; SANTOS NETO, S.P. Qualidade de Vida e Endividamento: Estilos de Vida Associados ao Descontrole Financeiro e Consequências na Vida Pessoal e Profissional. **REUNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil, v.21, n.2, p.23-62, 2016